

## OSO / 2021

**Realização:** Bruno Lourenço / **Argumentistas:** Bruno Lourenço e Telmo Churro / **Assistente de Realização/annotador:** Vasco Costa / **Director de Fotografia** Hugo Azevedo / **Director de Som** António Pedro Figueiredo (Cópi) / **Director de Arte** Nuno Esteves "Blue" / **Montador** Telmo Churro / **Montadores de Som** Miguel Martins & Rodolfo Cardoso / **Misturador de Som** Miguel Martins / **Colorista** Andreia Bertini / **Música Original** Miguel Quitério / **Elenco:** António Mortágua, Sofia Pires, Paulo Barroso, Joaquim Carvalho, Afonso Apolónio, Gabriela Portugal, Margarida Cruz, Rafaela Páscoa, Tiago Martins, Sebastião Lourenço, Amândio Faria, Carlos Alves, Domingos Magalhães, Herculano Ribeiro, José Lobo, Vitor Freitas.

**Produção:** O Som e a Fúria / **Produtores** Luís Urbano & Sandro Aguilar | O Som e a Fúria / **Director de Produção** Joaquim Carvalho / **Assistente de Produção** Patrick Mendes / **Cópia:** dcp, cor, 28 minutos.

## HOTEL ROYAL / 2021

**Realização:** Salomé Lamas / **Argumento:** Salomé Lamas, Isabel Pettermann, Isabel Ramos / **Assistente de Realização:** Mónica Lima / **Direcção de Fotografia:** Rui Xavier / **Som:** Olivier Blanc / **Direcção de Arte:** Nádia Henriques / **Montagem:** Sandro Aguilar / **Montagem de Som e Mistura:** Miguel Martins / **Correcção de Cor:** Paulo Américo / **elenco:** Ana Moreira, Tomás Antunes, Carloto Cotta, António Bollaño, António Júlio Duarte, Cíntia Figueiredo, Cristina Lamas, Daniel Pato, Francisco Nabinho, Inês Portugal, Isabel Alves, Isabel Pettermann, Jani Zhao, Joana Bastos, Joana Gusmão, João Azinheiro, João Pedro Bénard, Justin Jaeckle, Kyara Figueiredo, Leonor Nabinho, Mafalda Lencastre, Mafalda Nabinho, Maria Vercetti, Micaela Barreto, Miguel Nabinho, Natxo Checa, Valdir Furtado.

**Produção:** O Som e a Fúria, Curtas Metragens CRL / **Director de Produção:** Joaquim Carvalho / **Co-Produtores:** Mário Micaelo | Curtas Metragens CRL, Luís Urbano e Sandro Aguilar | O Som e a Fúria / **Cópia:** dcp, cor, 29 minutos.

## 2ª PESSOA / 2022

**Realização e Argumento:** Rita Barbosa / **Imagem:** Jorge Quintela, Miguel Ângelo, Bruno Medeiros / **Som:** Rui Lima / **Montagem:** Sandro Aguilar / **Montagem de Som:** Sandro Aguilar / **Mistura de Som:** Tiago Matos / **Gravação Voz Off:** Paulo Abelho, António Oliveira / **Cartaz:** Dayana Lucas, Pedro Nora / **Coordenação De Pós-produção:** Henrique Fialho / **Com:** Márcia Breia, Daniel Pizamiglio.

**Produção:** O Som e a Fúria / **Produtora:** Rita Barbosa / **Co-produtores:** Luís Urbano, Sandro Aguilar / **Distribuição:** Agência da Curta Metragem / **Cópia:** dcp, cor, 16 minutos.

---

Com as presenças de Rita Barbosa, Salomé Lamas e Bruno Lourenço

---

## OSO

Se nos perguntássemos qual seria a probabilidade de haver relatos de avistamentos de ursos em dois sítios diferentes no norte de Portugal há dois anos atrás diríamos, com alguma certeza, que era muito reduzida.

Mas foi exactamente isso que aconteceu.

No início de 2019 relatos de populares referiram o avistamento de um urso-pardo em dois sítios distintos de Trás-os-Montes, Montalegre e Montesinho. Presença constante na maior parte do território português durante séculos, o último registo da presença de um urso-pardo em Portugal data de 1843. Perseguido e abatido pela população na serra da Mourela, junto ao rio Mau, o corpo do animal foi levado para a sede de concelho, Montalegre, e exposto à curiosidade geral.

Depois de um primeiro filme, feito há alguns anos, enquadrado num modelo de produção convencional e filmado quase como um filme de estúdio, queria agora trabalhar num sentido oposto. Partindo de um dispositivo narrativo simples, mas moldável nas suas opções e sempre aberto a desvios, interessava-me trabalhar maioritariamente em décors exteriores, incorporando os elementos, com uma pequena equipa, voluntariosa e interventiva, e meios reduzidos que me permitissem aproveitar o imprevisto integrando-o no processo.

Os relatos dos avistamentos, sobretudo em Montalegre, onde, ao contrário de Montesinho, em que todos os indícios no terreno apontavam de facto para a presença no território de um urso-pardo, apenas uma testemunha afirmava ter visto um animal que identificou como um urso-pardo, permitiram-me seguir por esse caminho, trabalhando sobre a questão da identidade, a ideia de território e as respectivas zonas de fronteira.

Bruno Lourenço

## HOTEL ROYAL

*Não é preciso reinventar o mundo,  
basta prestar-lhe atenção.*

“No decorrer dos meus deveres de limpeza, examinei os pertences de cada hóspede do hotel e observei através dos detalhes, vidas que permanecerão desconhecidas.” diz a Camareira temporária num grande hotel, que incapaz de se relacionar, vive através de uma rígida metodologia de análise sobre o exterior e um quotidiano ritualizado.

**Hotel Royal** expõe-se como um jogo de regras simples de restrições formais e estruturais para nos apresentar um mosaico fragmentado e incompleto da sociedade contemporânea. À semelhança de um *peepshow* **Hotel Royal** explora os horrores da alma ou simplesmente a observação distante dos inadaptados.

*Os quartos são todos iguais...  
as pessoas são todas iguais.*

Todos temos corpos biológicos idênticos, mas emparelhamos pessoas, grupos, culturas, políticas e identidades ainda assim diferentes. Onde está a parecença e onde está a dissemelhança? Onde está a ficção e onde está a realidade? E o que fazer com os problemas partilhados por ambos na representação.

**Hotel Royal** trabalha noções de intimidade, vulnerabilidade e intrusão ao estabelecer e cruzar os limites da esfera pública e privada. Intencionalmente ou não o dispositivo do filme gera sentimentos de reclusão/participação num espectador que se sente simultaneamente um hóspede desejado e um intruso.

Criam-se espaços sentimentais, intensos e ocasionalmente traumáticos. Todos os objetos banais ou extraordinários encontrar-se-ão desta forma imbuídos de qualidades alegóricas.

**Hotel Royal** produz uma espécie de ficção da intimidade. O espectador torna-se cúmplice do voyeurismo – compelindo, também, da necessidade de se mover sem ser observado, através da esfera privada do outro, compelido a cultivar as suas próprias narrativas interiores. – Uma experiência social de produção subjetiva.

*Nada é mais pobre do que a verdade expressa como pensamento.*

Salomé Lamas

## 2ª PESSOA

**2ª Pessoa** atravessa matéria que quer ser libertada duma lógica de centro do mundo. Puxa-se um fio desfazendo o círculo que dá forma às coisas, e às vidas. A densidade narrativa fragmentária e expansiva, cuja identidade dos protagonistas se mantém o mais vaga possível, é aberta como uma fossa de lixo, transbordando de desperdícios, de imaginários subterrâneos. **2ª Pessoa** deriva de um projecto que desenvolvi intitulado ‘Amigos Imaginários’, que consiste numa performance, que acontece numa sala de espetáculos, onde um filme é sonorizado ao vivo num ambiente de estúdio de foley\*. O filme funciona como uma partitura musical e performativa.

\* O Foley (ou Bruitage) é uma técnica de criação de efeitos sonoros gravados em estúdio, onde sons de passos, portas a fechar, trovões, etc., são reproduzidos por sonoplastas em sincronia com o filme, com o objetivo de conferir mais realismo às cenas. Partindo do extenso material filmado, dei início à montagem e escrita desta curta-metragem, procurando uma adequação entre o som e a imagem, isto é, que as palavras e o som atuassem sobre a imagem, tornando-a viva.

Filmada em 2017, esta curta-metragem surgiu da decisão de fazer um filme pela janela de minha casa. Partindo desta convicção – de que um filme pode surgir assim, da exposição prolongada a um determinado local, onde a imaginação é inevitavelmente estimulada a gerar ideias – as filmagens decorreram em posições estratégicas da cidade do Porto. Filmou-se em pontos altos da cidade, simulando a vista de uma janela, com objectivas zoom, de autêntico paparazzi. Filmou-se longe o suficiente para garantir que as figuras humanas não fossem identificáveis. Esta forma de filmar foi uma escolha deliberada, cuja ambição era a de colocar o espectador numa situação cúmplice. Nestas representações visuais, a curiosidade da câmara faz do espectador um voyeur. A estas composições visuais – de pequenas e distantes criaturas anónimas – inscrevi-lhes uma composição sonora e uma narrativa fictícia, destinada a ilustrar um sentimento de impotência, solidão epidémica, isolamento e desesperança. O som e a voz-off compõem esta pequena ficção. A voz-off confere uma oralidade à história, ressuscitando o papel do narrador dos pequenos contos, num tom agradável, próximo do ouvido. Partilho duas ideias sobre o som das palavras que me agradam:

“Every sound must be heard musically, and so must the word, as a pure sound element, independently of the meaning it carries along.” Jean-Claude Rousseau

“It’s the words that are important, not the person behind them. I want to keep the protagonist’s identity as vague as possible - that’s one of the reasons why I nearly always use voice-over, so that there’s no visual representation to limit the viewer’s imagination. Voice is not didactic. (I want) voice-over to sound like an agreeable and modest person that viewers can enjoy spending some-time with.” John Smith

Rita Barbosa